

Estudo revela que 94% de mulheres em Hollywood sofreram abuso sexual

Um novo estudo publicado nessa terça-feira (20) revela como é sistemático e endêmico o assédio sexual a mulheres em Hollywood.

[\(Observatório do Cinema, 20/02/2018 - acesse no site de origem\)](#)

De acordo com informações do estudo feito pelo Centro de Recursos de Violência Sexual, 94% de 843 mulheres entrevistadas, revelam que sofreram algum tipo de abuso ou assédio sexual na indústria do cinema americano.

As mulheres revelaram diversos tipos de assédio, como comentários maldosos, forçadas a compartilhar imagens sexuais próprias e até mesmo, forçadas a fazerem sexo ou ficarem nuas em testes de elenco sem aviso.

No entanto, por medo de algum tipo de retaliação, apenas 1 a cada 4 mulheres reportou os incidentes e que destas que denunciaram, apenas 28% disseram que sua situação profissional melhorou após as denúncias.

O estudo, feito em parceria também com a The Creative Coalition e Women in Film and Television, foi publicado no USA Today dessa terça.

Adolfo Molina

Especialistas analisam por que

acusações de assédio demoraram tanto para reverberar em Hollywood

Denúncias contra grandes nomes só agora estão sendo levadas em consideração

[\(O Globo, 02/11/2017 - acesse no site de origem\)](#)

No início de outubro, quando atrizes de peso, como Angelina Jolie e Gwyneth Paltrow, vieram a público denunciar episódios de assédio cometidos por Harvey Weinstein, um dos maiores magnatas do cinema, muitos pensavam que isso não daria em nada. Desde então, mais de 60 mulheres narraram suas histórias de abuso envolvendo o produtor nos últimos 40 anos. Mas não ficou por aí. Outros figurões do cinema e da TV entraram na berlinda: os cineastas Lars von Trier e Brett Ratner, e os atores Kevin Spacey e Dustin Hoffman, entre outros, vêm sendo expostos por condutas no passado, numa onda que parece não ter fim. E novos casos e nomes pipocam nos sites de notícias, dia após dia, num movimento sem precedentes na indústria do entretenimento. Esse efeito cascata em situações do tipo não é incomum.

Leia mais: [Polícia de Nova York reúne provas para prender Harvey Weinstein \(El País, 04/11/2017\)](#)

— Quando uma poderosa vem a público e sua denúncia é acolhida, como foi o caso de Angelina e Gwyneth, outras vítimas percebem que não estão sozinhas. Não é questão apenas de solidariedade, isso deflagra um processo psíquico e social, em que o efeito cascata é muito comum. É uma espécie de catarse — explica o psicólogo Antônio Carlos de Oliveira, professor do departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

O avanço de movimentos sociais também contribuiu para que tantas vítimas se manifestassem.

— Há dez anos, essa mesma pauta, denunciando o Harvey Weinstein, não foi

para frente por conta do poder que ele sempre teve. A sociedade ainda não estava preparada para encarar essa questão, a denúncia muito provavelmente não daria em nada — lembra Nana Lima, diretora de projetos do “Think Olga”, responsável por campanhas como #chegadefiuuiu e #PrimeiroAssedio, que tomaram conta das redes sociais.

Para Marlise Matos, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (Nepem), da UFMG, o movimento em Hollywood também é derivado de outras campanhas femininas na indústria do entretenimento.

— O que mudou no contexto é que o que era historicamente silenciado veio à tona. Finalmente já não se tolera mais este tipo de atitude. Isso foi precedido pelo Oscar de 2015, quando Patricia Arquette fez um discurso pela maior ocupação feminina dos espaços e melhores condições de trabalho e igualdade salarial, puxando uma discussão enorme, que culminou no que vemos hoje.

As redes sociais também servem para dar voz a outras mulheres, que se inspiram nos casos tornados públicos.

— As minorias vêm sendo sistematicamente silenciadas. A internet e as redes sociais fizeram com que essas minorias notassem que, unidas, poderiam ser maioria. As vozes antes excluídas agora estão amplificadas — analisa a antropóloga Carolina Delgado.

Ao surgirem as denúncias contra Brett Ratner, diretor de “X-Men: O confronto final” (2006), seus advogados desacreditaram vítimas como a atriz Olivia Munn, que interpretou a Psylocke no filme.

— Não existe uma mulher que não tenha história de assédio ou abuso. Mas antes isso era tão normalizado, que éramos levadas a ignorar. E como não se falava sobre isso, parecia que não existia — contesta a escritora Clara Averbuck.

Para a doutora em Ciências Sociais Fhoutine Marie, que usa elementos de cultura pop, como a série “Game of thrones”, para discutir política, reações como a dos advogados de Ratner já vêm perdendo espaço.

— A palavra das mulheres sempre foi muito desacreditada. E os homens,

como no caso de Quentin Tarantino, que disse que sabia demais sobre o Harvey Weinstein para não ter feito nada, acabavam sendo coniventes. “É um bom profissional/ É meu amigo/ É a palavra de uma contra o outro/ Pode ter sido um mal entendido”, eles diziam. Mas essa pressão toda faz que outros grandes nomes digam que não vão trabalhar mais com esses caras. A própria Netflix suspendeu a produção de “House of cards” após o Kevin Spacey ser acusado de assédio contra um ator que tinha 14 anos na época.

Nana Lima frisa, porém, que o movimento não pode parar por aí.

— O próximo passo é agir para prevenir que esses assédios aconteçam, por meio de educação e denúncia — finaliza Nana.

Para protagonizar ‘Mulher-Maravilha’, Gal Gadot recebeu 2% do salário pago ao ator de Superman, diz site

A atriz Gal Gadot, estrela de “Mulher-Maravilha” ganhou apenas 2% do salário pago ao ator Henry Cavill por “Superman: Homem de Aço”.

[\(Folha de S.Paulo, 20/06/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Segundo o site norte-americano “Decider”, o cachê de Gal por “Mulher-Maravilha” foi de US\$300 mil dólares, enquanto Henry levou US\$14 milhões para protagonizar o filme do Superman.

Convertendo para reais, Gadot recebeu R\$990 mil, menos do que o prêmio conquistado por Emilly Araújo no “Big Brother Brasil 17”, que foi de R\$1,5 milhão.

O site diz também que esse valor foi acordado com Gal como pagamento para cada um dos três filmes que ela fará - "Batman vs Superman", lançado em 2016, "Mulher-Maravilha" e "Liga da Justiça", que estreia em 2018.

Ou seja, ela levaria, pelo trabalho completo, US\$900 mil dólares. O veículo ressalta a possibilidade de um acordo preestabelecido de participação nos lucros. O filme já faturou US\$573,5 milhões em bilheteria ao redor do mundo.

O salário de Gal seria equivalente a inexperiência da atriz em Hollywood, que tem no currículo como trabalho de maior destaque quatro filmes da franquia "Velozes & Furiosos".

O "Decider" diz que o valor pago à atriz é o mesmo que Chris Evans recebeu pelo primeiro "Capitão América", em 2011.

Para comparação, Jennifer Lawrence recebeu UU\$1 milhão pelo primeiro "Jogos Vorazes" (2012). Para a sequência, "Em Chamas" (2013), a atriz voltou com um Oscar conquistado por "O Lado Bom da Vida" e recebeu dez vezes mais.

Hollywood pode ser multada por falta de representatividade feminina entre diretores

Agência reguladora americana está em negociação com os estúdios. Em 2016, apenas 7% dos diretores eram mulheres.

[\(HuffPost Brasil, 20/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Em 2016, as mulheres representaram apenas 7% de todos os diretores dos 250 filmes de maior bilheteria nos Estados Unidos, de acordo com o

levantamento da San Diego State University. E a porcentagem é 2% menor do que o que foi registrado em 2015. Este ano, por exemplo, Ava Duvernay é a única diretora indicada ao Oscar.

Diante deste cenário, o Equal Employment Opportunity Commission (EEOC), órgão federal que regula o cumprimento dos direitos civis contra a discriminação no local de trabalho, deve tomar medidas legais contra os principais estúdios cinematográficos de Hollywood.

Segundo o site Deadline, a agência reguladora já está em negociações para resolver as acusações de que os estúdios discriminam sistematicamente a contratação de diretoras. “Cada um dos grandes estúdios recebeu uma acusação alegando que eles não foram capazes de contratar mulheres”, compartilhou uma fonte que preferiu não ser identificada.

A investigação sobre possíveis descumprimentos da legislação americana começou em outubro de 2015. O processo agora está em busca de finalizações e a fonte ouvida pelo Deadline afirma que uma ação judicial deve ser movida, caso não haja nenhuma resolução.

Em dezembro de 2016, o Directors Guild of America (DGA) pediu aos produtores que adotassem um programa de incentivo às minorias nas contratações.

O projeto seria similar ao que já acontece em outras instituições. A liga de futebol americano nacional (NFL) possui a regra Rooney que incentiva as equipes a considerar candidatos negros no momento de contratação dos técnicos, por exemplo.

No caso de Hollywood, a DGA recomendou que isso acontecesse para outros grupos, inclusive mulheres.

Ana Beatriz Rosa

Charlize Theron: “Se não pagarem o mesmo que a um homem não aceito o papel”

Depois de 12 anos como musa de J'adore de Dior, Charlize Theron é o ícone das coolagers, essas mulheres não afetadas pela passagem do tempo que redefinem o conceito de idade

[\(El País, 24/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Na tela é a rainha da transformação, e em pessoa? Quando você está na mesma sala, Charlize Theron faz voar a imaginação de seu interlocutor, que volta 60 anos atrás, na idade de ouro de Hollywood. Sua imagem, asseguramos, não se encaixa na retina, porque a sul-africana é “demais”: muito loira, muito alta (1,77 m), muito esbelta, muito bonita, muito deusa. A atriz de 41 anos tem o porte de Lauren Bacall e Rita Hayworth.

“Em uma palavra, Charlize é impressionante”, resumiam em maio último os participantes da reabertura do Colle Noire, o castelo ao sul da França onde morou Christian Dior e que foi renovado pela empresa parisiense. Theron, imagem do perfume *J'Adore* desde 2004, visitou a mansão de Montauroux com o cabelo preso em um coque e um vestido de Dior de ar clássico, ancorado no presente. A roupa era a reinterpretação de uma peça da coleção primavera-verão de alta costura de 2016; mas em vez de usá-lo sobre um *top* de pedraria, a intérprete preferiu colocá-lo por cima de um com renda negra de *chantilly*.

O andar, o olhar penetrante e a pontualidade - não são muitas as estrelas empenhadas nisso - a colocam em outro plano. E ela não se esforça para romper o feitiço. Durante o evento quase não se mistura com os jornalistas. Opta pela companhia de Claude Martinez, CEO da Perfumes Dior; Bernard Arnault, proprietário da LVMH - o conglomerado de luxo que é dono da Dior; e outros convidados VIP. Às vezes, sua linguagem corporal se confunde com a de um mandatário: firme, egrégia, distante. Em seus gestos é possível ver a

disciplina do balé, que praticou desde os seis anos. Theron foi bailarina profissional até os 19 anos, quando os joelhos começaram a falhar. Mas uma pirueta - ganhar um concurso internacional de moda com 16 anos - a transformou em modelo (apareceu em uma campanha da Guess Jeans em 1992) e exerceu a profissão, conta, “para pagar os estudos de dança”. Outra mudança - um caça-talentos a descobriu enquanto tentava descontar um cheque em um banco por um de seus trabalhos como manequim -, a levou a estreitar no cinema com 20 anos em um papel muito secundário (nem falava): *Colheita Maldita 3*. A sul-africana teve que suar. Nas audições seu sotaque não se encaixava. Hoje, possui uma pronúncia perfeita, com uma dicção clara. E isso apesar de que sua língua materna não é o inglês, mas o africâner. Lembra que seu físico e sua beleza tampouco se enquadravam; em cada audição devia se esforçar para ser vista como “algo mais que apenas um manequim”.

Reinar em Hollywood

Mais de duas décadas após aquele princípio, Charlize governa a meca do cinema, confirmada como uma das atrizes mais bem pagas - 16,5 milhões de dólares por ano (51,9 milhões de reais), segundo a revista *Forbes*. Desse trono não costuma dar entrevistas (só a conta-gotas), como aconteceu em *Colle Noire*. Embora tenha se sentado para jantar. E os rumores são verdadeiros: gosta de comer.

“Eu me senti muito afortunada na abertura. Conheci os vizinhos do costureiro e vários funcionários, como Lucienne [Rostanio], uma senhora de quase 90 anos que cuidava das rosas do jardim, que me contou várias histórias sobre o designer”, explica alguns meses após o evento, por telefone e em uma exclusiva de Los Angeles. “Fiquei atordoada. Sabia que ia ser uma experiência única, mas calculei mal porque foi mais do que esperava. Como não sentir-se sobressaltada em um castelo de sonho? Não acredito no esotérico, mas confesso: aquela noite foi mágica. Senti uma energia especial no ambiente, eu me senti feliz”. E não foi só por isso. O evento coincidiu com o Festival de Cinema de Cannes.

Um dos filmes que estavam competindo era *The Last Face*, dirigida por Sean Penn, [seu marido de dezembro de 2013 até junho do ano passado](#). O rumor

era que Charlize não iria participar do festival. Mas no final ela foi, e deixou-se fotografar beijando a bochecha de seu ex. O filme, aliás, não foi bem recebido. Foi acusado de ser pomposo, superficial e até mesmo racista. “Minha profissão tem grandes vantagens. Uma delas é o acesso a eventos exclusivos e caminhar sobre o tapete vermelho”.

Aí gosta de escolher sua roupa: “É preciso se arrumar. As atrizes devem se vestir adequadamente, considerando o evento ao qual estamos indo. Felizmente, esses eventos me permitem explorar o mundo da moda e usar designs incríveis. Conceber os estilismos é algo refrescante. A moda é visual e conta histórias. Quando interpreto, sinto que a roupa me permite modelar o personagem, entrar em sua pele. Para mim, é essencial aproveitar a oportunidade que tenho para expressar como me sinto e me comunicar. Por isso, em um evento, me esforço para encontrar o modelo perfeito, com o qual me sinta confortável naquele dia e que me permita brilhar. Eu me envolvo muito”, diz.

Sua vida poderia inspirar um roteiro. Não nasceu rodeada de luxo, precisamente. Theron cresceu em uma fazenda empoeirada nos arredores de Benoni, uma cidade a 54 quilômetros de Pretória, a capital da África do Sul. Aos 15 anos, presenciou uma cena macabra: sua mãe, Gerda, matou seu pai com um tiro. Charles era alcoólatra e maltratava as duas. As autoridades aceitaram a alegação de autodefesa.

Como ela mesma já disse várias vezes, a maioria de seus vizinhos hoje estão mortos, a África do Sul ocupava nos anos 90 o primeiro lugar na lista dos países com maior número de homicídio. Ainda continua liderando outro ranking: o de maior número de casos de HIV, 6,5 milhões de pessoas soropositivas vivem no país.

Em 27 de outubro a fundação amfAR vai homenageá-la por seu trabalho solidário. Em 2007, Theron fundou *Africa Outreach Project*, uma ONG com vários objetivos: reduzir a violência, os casos de AIDS, os abusos sexuais e a desigualdade entre homens e mulheres. É uma garota reivindicativa, sem meias palavras: em 2015, e depois de ter vazado que Jennifer Lawrence tinha recebido menos que seus colegas de elenco em *Trapaça* (David O. Russell, 2013), Theron bateu com o punho na mesa. Exigiu o mesmo salário que Chris

Hemsworth, com quem estrelava *O caçador e a rainha do gelo* (Cedric Nicolas-Troyan, 2016).

“A produtora não vacilou, concordou. Talvez essa seja a mensagem: as mulheres devem exigir. É hora de alcançar a igualdade. As meninas devem saber que não há nada de errado em ser feminista; ao contrário. É uma atitude que não envolve odiar aos homens. Significa direitos iguais. Se o trabalho é idêntico, a remuneração também deve ser”, disse em junho do ano passado na edição norte-americana da revista *Elle*.

Hoje esclarece: “É complicado. Sou uma privilegiada. Posso me dar ao luxo de jogar na cara de um estúdio. Posso dizer: ‘Paguem-me a mesma coisa que eles, ou não vou aceitar o papel’. Sou tão privilegiada que até me ouvem. Muitas mulheres não desfrutam dessa liberdade. Comportar-se como eu fiz carrega um risco. Significa arriscar o emprego. Não quero ser mal interpretada, que me vejam como alguém pouco empática. Todo mundo tem sua própria luta; existem prioridades, como colocar comida na mesa”.

A opinião, porém, continua sendo a mesma: “Quanto mais falarmos do tema, melhor. É saudável insistir sobre o difícil que é para nós reivindicar essas questões. Fazer barulho é vital, porque a sociedade ainda deve mudar muito. Pedir o mesmo salário deveria ser algo natural”, afirma.

Seu discurso lembra o de [Hillary Clinton](#), que denunciou em várias ocasiões a diferença salarial (no mundo, elas ganham 77% do que recebem os homens, de acordo com um relatório recente da ONU). “Houve líderes maravilhosos. Uma mulher na presidência dos Estados Unidos pode ser um grande impulso. Hillary pode significar um empurrão; a Casa Branca é um símbolo importante. Sobre as motivações da candidata, não reivindica o voto por ser mulher. Em geral, nenhuma de nós luta por um posto por esse motivo. Fazemos porque queremos e porque sabemos que somos as pessoas adequadas, as melhores. Temos o mesmo orgulho que eles”. Theron, aliás, doou 2.700 dólares (8.500 reais) para a campanha da candidata democrata.

Também se tornou o ícone das *coolagers* - termo cunhado pela atriz Ellen Pompeo, estrela da série *Grey's Anatomy* -, uma nova geração de mulheres que não têm medo de envelhecer. “Hoje em dia, há mais mulheres contando

histórias, escrevendo, dirigindo, produzindo e envolvidas na política. A mudança na última década foi enorme. Esta era significou um ponto e parágrafo; a revolução: somos conscientes, por fim, de nosso valor. A indústria sabe, por isso escolhe outro tipo de musas, menos perfeitas e de todas as idades. Há 12 anos sou a embaixadora da Dior... Toda uma mensagem carregada de significado. As marcas nos valorizam de forma diferente”, afirma Theron.

Pratica ioga em um dos mais famosos estúdios de Los Angeles. Seu professor é o guru Vinnie Marino, apelidado pelo *The New York Times* de “o rei da ioga”. “Ao lado do spinning, é a disciplina que mais gosto, mas se tiver que perder uma classe, não tem problema; prefiro passar mais tempo com meus filhos”, confessa. Tem dois filhos adotados: August, de um ano, e Jackson, de cinco. “Ter decidido ser mãe com quase 40 anos foi algo correto, dá uma perspectiva diferente das coisas; de repente, as prioridades passam a ser outras”.

Não é o caso da imprensa sensacionalista e as centenas de internautas que sucumbem a um dos passatempos favoritos da era Facebook: a caça de famosos. Apesar de seu recato exibicionista - cuida muito de sua vida privada -, as redes sociais ferviam em agosto com fotos de seu filho Jackson vestido como a princesa de Frozen. É que, como garante Charlize, “a sociedade ainda precisa mudar muito.”

Ela tem um tique. Depois de cada pergunta, faz uma pausa e fala “aha”. O primeiro nos deixa fora de jogo; o tom frio confunde, quase parece estar com raiva. São coisas do telefone. Theron explode em um riso leve várias vezes.

Falamos de moda novamente. “Amo os saltos, mas fora do tapete vermelho ou das festas costumo usar tênis; conforto acima de tudo”. E, novamente, o cinema. Fala de sua produtora. Isso deu independência e méritos. *Monster - Desejo Assassino* (2003), o filme pelo qual ganhou um Oscar e um Globo de Ouro, e que produziu através de sua empresa, Denver & Delilah. “Não decidi fundá-la em um dia. Sua criação é o resultado de ter trabalhado em muitas filmagens e observado o trabalho dos outros. Aconteceu de forma espontânea, comecei a falar sobre financiamento e quando dei por mim estava produzindo. Amo contar histórias, tenho alma de narradora e gosto de

analisar e observar personagens. Nos últimos anos, crescemos muito [foi criada em 2000]. Somos uma equipe de seis pessoas e temos um departamento de cinema e outro de televisão. Não paramos, temos vários projetos nas mãos [em 2017 vai estrear *The Coldest City*(David Leitch) e um projeto com o ator Nash Edgerton (*Moulin Rouge*)”.

Planeja dirigir? “Se isso acontecer, será naturalmente. O cinema é um setor orgânico. Neste negócio não há compartimentos estanques, assim é como eu vejo”. E dá para notar: acaba de filmar *Velozes e Furiosos 8* (F. Gary Gray, 2017). O compositor da trilha sonora, Brian Tyler, comparou seu papel ao de Hannibal Lecter, interpretado por Anthony Hopkins em *O Silêncio dos Inocentes*. “Sou a vilã, sim. Não sabia que tinham me colocado no nível do vilão de *Silêncio dos Inocentes*... [risos] Interessante! O personagem é a vilã perfeita para essa franquia. Na minha opinião, foi um acerto continuar com ela”. Sobre seu possível retorno a *Mad Max* [um sucesso no ano passado, que ultrapassou os 300 milhões de faturamento], responde com evasivas. “Houve muita especulação, mas não tenho nada de concreto a dizer sobre esse assunto”.

Continua interessada em títulos infantis. Emprestou sua voz ao personagem de Sariatu no filme de animação *Kubo*, inspirado em Akira Kurosawa e Hayao Miyazaki. “É um filme ocidental, mas, essencialmente, é muito japonês. Fui seduzida pela ideia de me envolver em um filme de animação tão exigente e detalhista. O resultado é magnífico. E [meu filho] Jackson adorou. Ficou entusiasmado. Assim que viu o trailer, disse: ‘Mãe, é a sua voz’”.

Atrizes e atores negros da TV ganham menos que colegas

brancos

Segundo levantamento da Variety, a TV americana ainda está longe de atingir a igualdade

[\(Superinteressante, 07/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Siga o dinheiro. O bordão, imortalizado em *Todos os homens do presidente* (1976), é uma boa dica para investigar esquemas de corrupção, mas é também uma boa dica para quem quiser saber para onde sopram os ventos em Hollywood. Em tempos de um número crescente de seriados de prestígio na telinha, a atual Era de Ouro da TV americana tem se mostrado um bocado lucrativa - principalmente para quem é branco.

É o que mostra um levantamento feito pela *Variety*. A revista conduziu uma pesquisa abrangente entre atores, executivos, agentes, advogados, gestores de carreira e outros representantes para oferecer um retrato da remuneração das grandes estrelas em programas atualmente em exibição na TV americana.

Para além de uma grande quantidades de zeros (que faz qualquer um contemplar mais longamente para o próprio contracheque), outros números chamam a atenção em análise feita pela *Newsweek*. Na categoria de comédia, por exemplo, entre os 33 atores e atrizes mais bem pagos da televisão, apenas sete não são brancos.



Lauren Graham e Alexis Bledel (*Gilmore Girls*), Viola Davis (*How to Get Away with Murder*), Kerry Washington (*Scandal*) e Ellen Pompeo (*Grey's Anatomy*)

Entre os não-caucasianos, quem tem o pagamento mais gordo é Dwayne "The Rock" Johnson, que, sendo também nome de destaque nas telonas, fatura 400 mil dólares por episódio da série *Ballers*, exibida na HBO. Um salário respeitável, é verdade, mas há significativas casas decimais de distância entre ele e os três primeiros nomes da lista: Jim Parsons, Kaley Cuoco e

Johnny Galecki, trio principal de *The Big Bang Theory* que fatura a bagatela de 1 milhão de dólares por episódio.

Olhando para o topo da lista em todas as categorias é possível ver grandes veteranos, como Mark Harmon (de *NCIS*), Mariska Hargitay (de *Law & Order: SVU*) e o popular elenco de *Game of Thrones*, todos na faixa de 500 mil dólares por episódio. Também no topo está o elenco de voz de *Os Simpsons*, que leva 300 mil dólares por episódio - quantia semelhante ao que os grandes nomes da telona Drew Barrymore e a dupla Emma Stone e Jonah Hill recebem agora na Netflix, nos seriados inéditos *Santa Clarita Diet* e *Maniac*. Já na outra ponta da lista, com salários mais “modestos”, um padrão pode ser notado: atores e atrizes pertencentes a minorias raciais cujo prestígio e prêmios no currículo estão em descompasso com a sua remuneração.



Sofia Vergara (*Modern Family*), Mindy Kaling (*The Mindy Project*), Anthony Anderson e Tracee Ellis Ross (*black-ish*), Gina Rodriguez (*Jane the Virgin*)

Mesmo que seja verdade que o montante recebido por episódio pela maioria das estrelas seja mais dinheiro do que a maioria das pessoas já viu na vida, é a diferença de remuneração que merece destaque - principalmente no que se refere à questão racial. No ano em que a falta (recorrente) de atrizes e atores negros entre os nomeados ao Oscar ganhou as manchetes, a TV mostra que a questão de diversidade na tela é ainda mais profunda. E, olhando para o restante da lista, é fácil perceber que o salário avantajado de *The Rock* é uma exceção.

Na categoria de comédia, a colombiana Sofia Vergara é a atriz não-branca mais bem remunerada, levando 250 mil dólares por episódio de *Modern Family*, junto de seus outros colegas do elenco adulto. Três posições abaixo, aparece Mindy Kaling, de *The Mindy Project*, que recebe 140 mil por episódio. Nas últimas colocações, Tracee Ellis Ross, filha de Diana Ross e nomeada ao Emmy por sua atuação em *black-ish*, tem remuneração de 80 mil por episódio, enquanto seu colega de seriado Anthony Anderson recebe 100 mil, colocando-os bem atrás do elenco de séries como *The Middle* e *Last Man*

Standing - vale notar ainda que a diferença de remuneração dos dois protagonistas também chama a atenção, já que, como o levantamento aponta, a maioria das séries tem pagamento equivalente para o elenco principal. Já em surpreendente último na lista de comédia, com pagamento de 60 mil por episódio, está Gina Rodriguez, atriz premiada com o Globo de Ouro e elogiadíssima por sua atuação em *Jane the Virgin*.

No topo da categoria de drama estão as *Gilmore Girls* Lauren Graham e Alexis Bledel, que receberam 750 mil por cada um dos quatro episódios do revival da série ainda inédito na Netflix. Duas grandes atrizes negras só aparecem na metade da tabela: Viola Davis e Kerry Washington, as estrelas das séries criadas por Shonda Rhimes *How to Get Away With Murder* e *Scandal*, respectivamente, recebem 250 mil dólares por episódio. Enquanto isso, Ellen Pompeo, protagonista de *Grey's Anatomy*, também criada por Rhimes, recebe 400 mil dólares por capítulo.



Taraji P. Henson e Terrence Howard, protagonistas de *Empire*

Mais surpreendente é a posição em que aparecem Terrence Howard e Taraji P. Henson, ambos previamente nomeados ao Oscar. Os atores, que lideram o elenco de *Empire* - eleita a melhor série do ano pela Associação de Críticos de Televisão em 2015 e que chegou a ter público de 16 milhões de espectadores - recebem 175 mil por episódio.

Quem tem espaço e voz em Hollywood ainda é uma questão de raça. Na TV podemos celebrar uma maior diversidade - mas ainda estamos longe de atingir a igualdade.

Diretor de 'Birth of a nation' fala sobre estupro de 1999

(O Globo, 17/08/2016) Nate Parker parecia estar no céu: o tão sonhado projeto, "Birth of a nation" foi um dos maiores sucessos do festival de cinema independente de Sundance, sendo vendido para a distribuidora Fox Searchlight por US\$ 17,5 milhões. Aplaudido pela crítica, o filme sobre Nat Turner, escravo que liderou uma rebelião em 1831, vai ainda participar do festival de Toronto antes de estrear nos Estados Unidos, em outubro, e já é considerado um pré-candidato ao Oscar. Mas o ator e diretor teve que voltar à terra rapidinho, depois que seu passado sombrio voltou ao escrutínio público.

Na terça-feira, a imprensa noticiou o suicídio de uma mulher de 30 anos que, em 1999, teria acusado de estupro Nate Parker junto com seu antigo colega de quarto da Universidade Penn State (e co-roteirista de "Birth of a nation"), Jean Celestin. Como a identidade de vítimas de abuso sexual não é divulgada, não há certeza se a mulher que tomou cerca de 200 comprimidos em 2012 é a mesma enfrentou os dois no tribunal. Na ocasião, Nate foi inocentado e Jean, condenado, mas um juiz ordenou um novo julgamento em 2005. Como a moça decidiu não testemunhar novamente, promotores optaram por não rerepresentar as queixas.

A vítima, uma caloura da Penn State, alegou estar bêbada quando fez sexo com Nate, e afirmou nem ao menos conhecer o colega de quarto dele, com quem também teve relações. Testemunhas confirmaram sua embriaguez, mas divergiram sobre o nível, e se ela poderia ou não ter consentido com o ato sexual. Para a condenação de Jean Celestin, foram usadas gravações de conversas telefônicas obtidas por meio de um mandado judicial.

A morte da ex-universitária foi revelada pela revista "Variety", que entrevistou seu irmão, identificado apenas como Johnny. Na reportagem, ele contou que a irmã entrou em depressão profunda depois do ocorrido, e que ela já havia tentado se matar duas vezes antes de concretizar o intento. E foi duro com Nate Parker:

“Não acho que um estuprador deveria ser celebrado. É uma decisão cultural que fazemos enquanto sociedade ir ao cinema e falar por meio de nossos dólares, recompensando um predador sexual”, afirmou Johnny.

Com a repercussão negativa (e com a distribuidora monitorando o caso), Parker publicou uma longa mensagem em seu Facebook.

“Estas são minhas palavras. Escritas do coração e não filtradas pelo olhar de um terceiro. Por favor, leia-as como algo à parte de qualquer outra plataforma que eu tenha, como algo vindo de outro ser humano.

Escrevo para vocês consternado...

Nos últimos dias, uma parte do meu passado — minha prisão, julgamento e absolvição em um caso de abuso sexual — ficou no centro de cobertura midiática, especulações de mídias sociais e conversas da indústria. Entendo por que tantos estão preocupados e, legitimamente, fazem perguntas. É extremamente importante falarmos sobre essas questões do direito das mulheres de estarem seguras e de relacionamentos saudáveis entre homens e mulheres, ainda que sejam complicados. E, de forma pessoal, como pai, marido, irmão e um homem de profunda fé, compreendo quanta confusão e dor este incidente causou, principalmente à jovem mulher envolvida nele. Eu mesmo acabou de saber que esta jovem acabou com a própria vida anos atrás, e fiquei profundamente triste... Não tenho palavras para descrever quão difícil foi ouvir esta notícia. Não consigo evitar pensar em todas as implicações que isto teve para a família dela.

Não posso — e nem vou — ignorar a dor pela qual ela passou durante e depois do julgamento. Enquanto mantenho minha inocência, pois o encontro foi inequivocamente consensual, existem coisas mais importantes do que a lei. Existe a moral; ninguém que chama a si mesmo de homem de fé jamais deveria estar em uma situação dessas. Como um homem de 36 anos, pai de duas filhas e uma pessoa de fé, olho para aquela época e posso dizer, sem hesitar, que eu deveria ter sido mais sábio.

Olho para meu passado, minha atitude de indignação e senso de missão para provar minha inocência, com olhos tornados mais sábios pela experiência.

Vejo agora que possivelmente não demonstrei empatia suficiente enquanto lutava para limpar meu nome. Empatia pela jovem mulher e empatia pela seriedade da situação em que coloquei a mim e a outros.

Não posso mudar o que aconteceu. Não posso trazer de volta à vida esta mulher que era a filha de alguém, a irmã de alguém, e a mãe de alguém...

Mudei muito desde os meus dezenove anos. Cresci e amadureci em tantos aspectos, e ainda tenho muito crescimento e aprendizagem pela frente. Tentei me portar de forma a honrar minha comunidade — e continuarei a fazer o meu melhor.

Dito isto, também sei que certas feridas não podem ser curadas nem pelo tempo, nem por palavras.

Nunca fugi desse período da minha vida, e nunca o farei. Por favor, não encarem isto como uma tentativa de resolver o assunto com uma declaração. Peço que apenas aceitem esta carta como minha resposta ao momento.

Nate”

Por que Hollywood tem problemas com garotas pouco femininas?

(BuzzFeed Brasil, 17/08/2016) Todos nós conhecemos muito bem a clássica transformação de Hollywood. Uma linda atriz que devemos acreditar que é desleixada (porque seu cabelo está um pouco bagunçado) ganha uma chapinha e um pouco de maquiagem e então vira a rainha do baile.



Onze (Stranger Things) e Allison (Clube dos Cinco) após suas transformações (Foto: Netflix / Universal Pictures)

Uma das transformações mais famosas é a do “Clube dos Cinco”, de John Hughes, filme responsável por lançar milhares de clichês que perduram até hoje. Allison, interpretada por Ally Sheedy, vai de uma inútil nojenta (na visão de Hollywood) para uma linda jovem com a ajuda da personagem de Molly Ringwald (quem mais poderia ser?). A esquisitona feiosa é curada ao se tornar bela aos olhos de adolescentes.

“Stranger Things”, série de ficção científica da Netflix, é uma grande homenagem aos filmes do gênero dos anos 80. E como reviver metáforas fazia parte dos planos, uma transformação clássica era inevitável.

Dirigido e escrito por Matt e Ross Duffer, “Stranger Things” acompanha os desdobramentos do sumiço do menino Will Byers, no Estado de Indiana (EUA), nos anos 80. Seus amigos — um grupo de nerds que adoram Dungeons & Dragons — tentam encontrá-lo com a ajuda de uma fugitiva de um experimento secreto do governo, que foi transformada em uma arma telecinética. O nome, assim como a idade aproximada da fugitiva, é Onze.

Interpretada pela muito talentosa Millie Bobby Brown, Onze tem os olhos arregalados e é desconexa, leal e valente. Seu cabelo é raspado, uma vez que os pesquisadores estavam sempre conectando e reconectando fios à sua cabeça. Sua transformação iminente, portanto, é diferente da fórmula básica garota-estranha-para-garota-bonita. Onze foi criada de uma maneira brutal e, presumivelmente, sem atenção ao gênero. Mas uma transformação é uma transformação.

O amigo de Will, Mike (Finn Wolfhard), em cujo porão Onze busca refúgio, ajuda a menina a colocar a maquiagem e as roupas de sua irmã mais velha, para que Onze possa visitar sua escola sem levantar suspeitas. O resultado final — ornamentado, feminino, rosa — faz Onze parecer uma versão em miniatura de Ally Sheedy.

Onze toca em sua nova peruca loira na frente de um espelho na casa de Mike. “Você está bonita”, diz Mike. “Bonita?”, pergunta ela, sem saber se acredita. É uma palavra que ela vai repetir algumas vezes ao longo da série — olhando para seu reflexo e vendo a forma como Mike olha para ela.

Enquanto Onze se esforça para compreender outras palavras que os meninos apresentam, “bonita” é uma que ela entende imediatamente e intimamente. Ela teve sua infância roubada, mas ter a beleza negada parece ter sido uma das maiores tristezas de sua curta vida.

Onze faz parte de um longo histórico de personagens mulheres cujo valor é determinado por seu apelo romântico para os meninos — ou seja, alguém que deve primeiro se tornar desejável antes que possa reivindicar plenamente algum mérito.

Essa premissa é ainda mais irritante em uma série onde Onze é (a) a heroína e (b) pré-adolescente. Por que ela precisa se preocupar em atrair garotos quando ela é, literalmente, uma criança — e uma preocupada em salvar as pessoas de um perigo mortal?

Mesmo que Onze não tenha escolhido ter seu cabelo raspado, “Stranger Things” presume que o ultrafeminino é o padrão, uma preferência natural e óbvia das meninas. A cultura pop nos diz que a forma masculina em uma menina é estranho, anormal, feio e ruim (ou seja, gay). A feminilidade é vista como uma cura para tudo: a garota bonita é a garota desejada pelos homens. E, em 2016, como nos anos 80, as personagens ainda devem cumprir essa expectativa.



As maria-razapaz de *Motocrossed*, *Alguém Muito Especial* e *Driblando o Destino* (Foto: Disney-ABC / Paramount Pictures / Redbus)

Garotas masculinizadas continuam sendo raras no cinema e na TV. E, quando elas aparecem, seu estilo é um problema a ser corrigido. Às vezes, a masculinidade da menina é meramente temporária, uma fantasia com prazo de validade — como com Andrea, interpretada por Alana Austin, no filme da Disney “*Motocrossed*”.

Andrea se veste como seu irmão gêmeo para poder competir como ele. Mas, tal como acontece com Amanda Bynes em “*Ela é o Cara*”, a garota de “*Motocrossed*” acaba com um namorado no final.

Em outros casos, a masculinidade em personagens mulheres é atribuída à sua esportividade. Então, os filmes trabalham duro para assegurar que — *não se preocupe!* — mesmo que a menina seja resistente e forte, ela ainda é bonita e desejada pelos meninos.

Em “*Driblando o Destino*”, de 2002, a personagem Jules (Keira Knightley) é uma jogadora de futebol de cabelos curtos que está constantemente sob suspeita de ser lésbica. Jules nega constantemente “as acusações”, e isso se torna uma das piadas do filme.

Apesar de Jules ter uma [quantidade absurda de química](#) com sua melhor amiga e companheira de equipe, Jess (Parminder Nagra), os telespectadores são constantemente lembrados da heterossexualidade de Jules, especialmente quando ambas, Jules e Jess, incompreensivelmente se apaixonam por seu treinador.

Por fim, há as personagens retratadas como se fossem garotos, um mano

entre mãos. Em outro filme dos anos 80 escrito por John Hughes, “Alguém Muito Especial”, Mary Stuart Masterson é Watts, adolescente da classe operária e melhor amiga de Keith (Eric Stoltz).

Watts ajuda Keith a tentar conquistar uma menina popular da escola, como um bom amigo faria, mas, no final, Keith percebe que está, na verdade, apaixonado por sua melhor amiga. E ele expressa seu sentimento dando a Watts um par de brincos que originalmente estavam destinados à garota que ele paquerava. Watts fica emocionada. Que maria-razão, afinal, não deseja um par de brincos?

Se a masculinidade de uma menina não pode ser corrigida, então ela é uma causa perdida: alvo de piadas, na melhor das hipóteses, ou uma monstruosidade, na pior.

A homossexualidade foi repetidamente demonizada ao longo da história do cinema. A [homossexualidade monstruosa](#) aparece tanto em filmes ganhadores do Oscar, como “O Silêncio dos Inocentes” e “Monster - Desejo Assassino”, quanto nos de terror dos anos 80. A homossexualidade é tratada como uma ameaça à heteronormatividade tal como Drácula: algo que ameaça, seduz e transforma suas vítimas — por meio da troca de fluidos corporais — tão vilões quanto ele.

Onze, de “Stranger Things”, não é uma ameaça tal como os vilões clássicos de filmes de terror são, mas, o que importa, é que ela se vê dessa maneira.

Quando os pesquisadores forçam os limites de sua telecinose, ela involuntariamente cria uma ruptura no espaço-tempo, abrindo uma porta para uma dimensão alternativa (o “Mundo Invertido”) e soltando um monstro no mundo real.

Conforme os dias passam e Will Byers continua desaparecido, Onze é devastada pela culpa. “Eu sou o monstro”, diz a Mike, com lágrimas nos olhos. Sua monstruosidade, ela sente, também se revela visualmente, por sua cabeça raspada. Em uma cena, depois de fugir de Mike e seus amigos, preocupada que poderia machucá-los ou piorar a situação, ela se inclina sobre uma lagoa na floresta e grita para o próprio reflexo. Se ao menos ela

fosse normal. Se ao menos ela fosse bonita.

“Stranger Things”, que faz referência ao trabalho de diretores como Steven Spielberg e John Carpenter, não só retoma a estética dos filmes dos anos 80, como também recupera uma política de gênero ultrapassada.

Onze é definida quase que exclusivamente por seus relacionamentos com homens: o horroroso médico que ela chama de “Papa”; os nerds que primeiro a rejeitam e depois a acolhem; e, mais significativamente, seu amigo Mike, que, depois de vê-la adequadamente afeminada, a beija e a convida para um baile da escola.

Mesmo que Mike ainda goste de Onze sem a peruca, que ela felizmente abandona, a transformação permite que Mike veja Onze como alguém capaz de se feminilizar (e vale lembrar que essas crianças estão na sexta série, são quase bebês). O heroísmo de Onze — e, em última análise, seu [potencial de martírio](#) — fica então ofuscado ao tornar a personagem parte de um romance frustrado.

No conjunto, “Stranger Things” faz questão de impedir quaisquer vestígios de homossexualidade em seus personagens. Valentões chamam Will, seu irmão e seus amigos de “bichas anormais”, mas o insulto é, em grande parte, vazio.

Mike tem seu par em Onze. O irmão de Will, Jonathan (Charlie Heaton), depois de tirar escondido fotos da irmã mais velha de Mike, Nancy, enquanto ela se despe perto de uma janela, torna-se confidente e amigo da garota. A nerdice hétero solitária é romantizada neste mundo — vista como algo menos vergonhoso do que a homossexualidade.

“Stranger Things” defende os nerds e os esquisitos, como já fez muitas obras da cultura pop dos anos 80. No entanto, ao colocar uma peruca em Onze e fazer de todos os personagens aparentemente heterossexuais, os roteiristas asseguraram que a estranheza dos personagens não saísse do controle. Ser homossexual e não se conformar com padrões de gênero ([ou cor](#)) — em um mundo com monstros e dimensões alternativas — poderia ser demais.



Nem todo personagem precisa ser LGBT (ainda que isso fosse bom). A questão não é apenas que não há personagens gays na maioria das séries adoradas e aclamadas pela crítica — o problema é que a maioria dos personagens não tem a oportunidade de ser outra coisa senão hétero.

Até mesmo personagens que têm permissão para ser abertamente gays são femininas: Emily e seus vários interesses amorosos em “Pretty Little Liars”; Clarke de “The 100”; basicamente todas de “The L Word” (Shane é meio que uma exceção, e ela usa uma tonelada de maquiagem). Lea DeLaria, como Boo em “Orange Is The New Black”, é uma das únicas verdadeiras sapatões na televisão hoje.

Se uma personagem feminina vai gostar de mulheres, ela, pelo menos, tem que “parecer hétero” para que sua homossexualidade não seja uma aberração tão grande. Quando os personagens para os quais deveríamos torcer pisam fora dos limites da heteronormatividade, logo eles são colocados de volta em seu lugar.

Mas Onze é uma criança. Nós não sabemos sua orientação sexual e não precisamos saber. No entanto, os irmãos Duffer sentiram a necessidade de lhe dar uma transformação e de colocá-la como par romântico de um menino. (Ela poderia crescer e ficar com meninos e meninas, é claro, ou com absolutamente ninguém, mas em nossa cultura se presume que as meninas são hétero, a menos que se prove o contrário; nesse caso, elas são [menosprezadas e desacreditadas](#).)

Não importa sua orientação, Onze simplesmente não merece ser reduzida a uma trama romântica. Mesmo que Winona Ryder tenha feito um retorno

triunfante como a mãe de Will, mesmo que Nancy (Natalia Dyer) possa disparar uma arma muito bem e mesmo que [#WeAreAllBarb](#), “Stranger Things” reflète o universo de um menino. E, de acordo com as leis da cultura pop, os meninos ainda têm que completar sua missão heroica e conquistar a garota.

Outro grande sucesso do momento, “Caça-Fantasmas”, de Paul Feig, foi celebrado precisamente porque as personagens femininas não podem ser vencidas. Elas existem por direito próprio, como salvadoras do mundo, em vez de prêmios para o consumo dos protagonistas masculinos. É algo emocionante, principalmente porque as mulheres merecem ser as heroínas de suas próprias histórias.

No entanto, manter todas as personagens femininas sem compromisso também significa que “Caça-Fantasmas” não tenta impor a heteronormatividade. Erin (Kristen Wiig) flerta sem muito jeito com Kevin (Chris Hemsworth), mas Abby (Melissa McCarthy) está muito mais preocupada em sua amizade com Erin (e caçar fantasmas) do que expressar interesse romântico por alguém. Enquanto isso, Holtzmann (Kate McKinnon) seduz tudo que se mexe (e de uma forma que [não se limita](#) ao olhar masculino).

Pergunte a qualquer lésbica e ela lhe dirá que a personagem de McKinnon é tão obviamente homossexual que ela saiu da sessão de cinema de “Caça-Fantasmas” ainda mais gay do que quando entrou. Feig e McKinnon, [não confirmam](#) a sexualidade de Holtzmann, provavelmente devido à pressão do estúdio, o que é irritante. Mas, pelo menos, Holtzmann — que está longe de ser a pessoa mais feminina do mundo, com suas gravatas e macacões — não é punida por sua masculinidade ou fica com um cara aleatório.

A ascensão de Holtzmann vem um ano após outra forte personagem: Furiosa, de Charlize Theron, em “Mad Max: Estrada da Fúria”. Depois que Millie Bobby Brown, a atriz que interpreta Onze, raspou a cabeça para seu papel, ela ficou preocupada que tivesse cometido um grande erro — até que os irmãos Duffer lhe mostraram uma foto de Furiosa com o mesmo corte. “A semelhança era incrível!”, [disse Brown ao IndieWire](#). “Foi a melhor decisão que eu já tomei.”

Quanto mais vemos mulheres e meninas acolhendo representações não convencionais de gênero, menos difamadas essas representações se tornarão. Personagens como Furiosa e Holtzmann representam a possibilidade de que uma mulher pode ser masculina, ou gay, ou solteira, ou uma combinação dos três, sem que seja feminilizada à força, ganhe um namorado ou seja vista como um monstro.

“Stranger Things” poderia ter permitido que Onze forjasse amizades significativas e acabasse com monstros sem se preocupar com sua beleza. Algumas metáforas dos anos 80 realmente não valem a pena reviver — e a clássica transformação é uma delas.

Shannon Keating

Acesse no site de origem: [Por que Hollywood tem problemas com garotas pouco femininas? \(BuzzFeed Brasil, 17/08/2016\)](#)

Novo ‘Caça-Fantasmas’ provoca discussão sobre a força das mulheres

(O Estado de S. Paulo, 14/07/2016) *Atrizes e diretor defendem o filme de críticas e contam como as filmagens foram divertidas*

Na teoria, um novo filme dos Caça-Fantasmas seria sucesso garantido. Uma geração inteira depois que Bill Murray, Dan Aykroyd, Harold Ramis e Ernie Hudson defenderam Nova York de terrores paranormais e um gigantesco homem de marshmallow na superprodução cômica de Ivan Reitman, de 1984 (com uma sequência em 1989), e após anos de tentativas frustradas de retomadas e recomeços, parecia que era a hora certa para um novo grupo lidar com as mochilas de prótons e o Ecto-1.

E quem melhor para enfrentar esse desafio que Kristen Wiig, de Missão Madrinha de Casamento e sua colega, Melissa McCarthy, indicada para o Oscar, ao lado de Leslie Jones e Kate McKinnon de Saturday Night Live? E, além delas, por que não o diretor Paul Feig, que trabalhou com Melissa e luta por uma maior representação feminina em Hollywood?

Só que nem todo mundo está esperando, empolgado, a nova versão que chega nesta quinta, 14, aos cinemas brasileiros: desde o anúncio dos nomes das protagonistas, em janeiro, houve críticas intensas de uma parte do público que, embora não tenha visto o filme, já disse que ele não deveria ter sido feito e que o elenco feminino não passa de concessão à correção política.

Embora algumas estrelas do filme tenham revidado os ataques dos detratores machistas nas redes sociais e as acusações do tipo “Você arruinou a minha infância!”, outras evitaram se manifestar. Entretanto, as atrizes e o diretor se reuniram para falar da produção e da briga feia e oportuna, embora inesperada, que começaram.

Como grupo, às vezes pareciam mais um quinteto atrapalhado e risonho, comentando e completando as piadas uns dos outros - mas também se revelaram defensores apaixonados de seu trabalho e da equipe, conscientes do que o debate sobre “os caça-fantasmas” realmente diz em relação ao sentimento das pessoas sobre a questão de gênero, na tela e fora dela.

[Leia ainda: De 1984, ‘Os Caça-Fantasmas’ é um clássico da atividade paranormal com humor](#)

Na sequência, trechos da entrevista com as atrizes e o diretor de Caça-Fantasmas.

Para vocês, o Caça-Fantasmas original foi importante?

Melissa McCarthy: Foi, sim. Eu era criança e adorava todos os personagens, o jeito como eles se uniram, essa coisa engraçada, heroica. Adoro anti-heróis, gente que não faz nada muito significativo, mas vai lá brigar e se dá bem.

Leslie Jones: Eu achava o Bill Murray muito engraçado porque não se

assustava com nada. Mesmo quando alguma coisa acontecia, ele fazia piada. Olhava aquilo e pensava: “Ah, é assim que eu quero ser”.

Kate McKinnon: Nasci no ano que ele foi lançado. Não lembro bem a data. (risos)

Paul, como surgiu a ideia de fazer um novo Caça-Fantasmas?

Paul Feig: (O produtor Ivan Reitman) tinha o roteiro de uma sequência e ficou todo empolgado, perguntou se eu queria dirigir. A ideia era que o time original passaria os macetes da tecnologia para um novo grupo. Aí a (ex-vice-presidente da Sony) Amy Pascal me perguntou por que nenhum diretor de comédia aceitava o projeto. Disse que era porque o filme era meio sagrado e dava medo mexer com os atores, mas ela insistiu: “Pois aí está uma excelente franquia esperando para ser explorada”. Aquilo ficou na minha cabeça. Gente engraçada correndo perigo, combatendo a paranormalidade com tecnologia, é uma ideia sensacional; aí comecei a pensar como seria a minha abordagem. “Ah, todas as mulheres engraçadas com quem trabalho e com quem quero muito trabalhar me deixaram ainda mais animado. Deveriam ser as filhas deles? Ah, se eu pudesse refilmar!”

Em algum momento vocês perceberam que uma parte do público talvez não fosse gostar muito do resultado por causa da premissa do filme e o fato de o elenco todo ser feminino?

Melissa: Você quer dizer gente doida?

Leslie: Você quer dizer as pessoas que não sabem que é filme?

Kristen Wiig: Durante as filmagens não me dei conta, não. Feig: Você e a Kate ficaram numa boa porque estão fora das redes sociais. A Leslie e eu penamos. Somos os brigões na lama digital.

Melissa: Durante as filmagens, Paul trouxe várias fotos de meninas fantasiadas, com direito a macacão e mochila de prótons e tal. Achei o máximo e percebi que parte do público estava mais que preparada.

Leslie: Só acho que o filme não é para essas pessoas que ficam reclamando

que o filme arruinou a infância delas.

Kristen: É gente que precisa de terapia.

Melissa: A verdade é que a infância desse pessoal já estava arruinada. E se é um filme que vai estragar tudo, sinal que a coisa já era bem frágil. É legal recordar; só tem uma porção minúscula de reclamações.

Por que tem gente que vê essas superproduções de fantasia, como o novo Guerra nas Estrelas ou o seu filme, como campo de batalha para ideias sociais?

Feig: Acho que é a velha guarda agonizando. Faz uma minoria irrisória gritar mais alto porque está perdendo o controle. Eu entendo o estranhamento se alguém for fazer um remake de O Poderoso Chefão (1972), por exemplo, mas quando vem criticando, querendo saber se é só para ganhar dinheiro... Tudo que foi e é feito em Hollywood, desde o início dos tempos, foi e é pelo lucro.

Tem gente que não gosta da ideia de um filme com um elenco só feminino?

Kate: É um conceito relativamente novo. Acho que começou com Missão Madrinha de Casamento e veio crescendo.

Leslie: Me surpreende, porque a mulherada vem fazendo muita coisa boa há anos.

Melissa: É um medo de que se você colocar duas mulheres, dois homens têm que sair. Tem espaço para todo mundo.

Vocês sentem que fazem parte das vidas umas das outras depois de fazer esse filme?

Kristen: Não dá para participar de uma experiência dessas e não fazer parte da vida uma da outra para sempre.

Leslie: A impressão que tenho é a de que travamos uma batalha juntas. Elas são como irmãs para mim.

Dave Itzkoff

Acesse o PDF: [Novo 'Caça-Fantasma' provoca discussão sobre a força das mulheres \(O Estado de S. Paulo, 14/07/2016\)](#)

O Oscar, enfim, escutou: diversidade importa

(Tela Tela/CartaCapital, 30/06/2016) Há algo de novo no reino dos homens brancos de mais de 60 anos que dominam a Academia de Hollywood - e tantos problemas de representatividade tem causado nos últimos anos.

Após anos fazendo ouvidos moucos para as questões de diversidade apontadas por artistas, jornalistas e profissionais do audiovisual, os organizadores de um dos prêmios mais visados da categoria anunciaram esta semana que convidaram 683 artistas para integrar a Academia, com foco principal em mulheres e minorias.

Deste total, 46% são mulheres e 41% são negros. Entre 2011 e 2013, as mulheres eram apenas 30% do total de convidados, número que caiu para 25% em 2014 e 2015. A lista de convidados traz pessoas oriundas de 59 países. De todos, 28 são vencedores do Oscar. As idades variam de 24 anos a 91 anos. [Confira a lista completa.](#)

Há na lista 283 membros internacionais, entre os quais estão os brasileiros Lula Carvalho, Anna Muylaert, Pedro Kos, Affonso Gonçalves, Antonio Pinto, Marcelo Zarvos, Rodrigo Abreu Teixeira, Alê Abreu, Renato Dos Anjos, Vera Blasi.

“A organização, das lideranças aos arquivadores, todos os 6 mil membros, se engajou nesse debate. Por conta disso, conseguimos convidar um novo grupo

de vozes que representam o audiovisual hoje”, afirmou a presidente da Academia Charyl Boone Isaacs à *Variety*.

Caso todos aceitem o convite, uma pequena mudança começará a se desenhar no universo de mais de 6 mil membros da Academia - ainda que pequena. Com 25% de mulheres e 8% de negros, a presença masculina deve variar de 75% para 73%, enquanto o percentual de pessoas brancas cairia de 92% para 89%.

Ainda é pouco, mas já sinaliza o surgimento de uma mudança de mentalidade que certamente não alterará apenas o que se vê na noite do tapete vermelho. Até porque não há hoje no mundo indústria com poder igualável de moldar comportamentos, ditar tendências culturais, ampliar ou restringir visões de mundo.

Dessa forma, quando um prêmio com essa projeção resolve se posicionar e dar visibilidade a mulheres, negros, latinos, LGBT, deve até incentivar a abertura de mais vagas e a criação de mais papéis para esses artistas. Fugindo da “saga do homem branco” que marcou as últimas indicações ao Oscar, teremos um cinema mais inclusivo dos diferentes atores sociais e representativo da realidade que vivemos. E uma geração de crianças e jovens que, ao se ver mais bem representada nas telas, torna-se protagonista de suas próprias histórias.



Na prática, focar a diversidade implicou enviar o dobro de convites feitos no ano anterior, 322. A Academia pretende atingir o objetivo de ter duas vezes mais diversidade até 2020. Isso foi possível após a organização eliminar um sistema de cotas que restringia o número de novos membros até pouco tempo atrás.

Muitos veteranos — e isso é comum no debate sobre ações afirmativas — protestaram contra a lista de convidados, alegando que estariam perdendo poder e que suas escolhas serão “diluídas” dentro de um grande número de votantes. Uma reclamação que faz mais expor a raiz da falta de diversidade no meio.

“O que quer dizer diluir? Estamos falando de pessoas que são altamente capacitadas e envolvidas com a arte. Nossa indústria está crescendo e florescendo, e nós queremos ter certeza de que esses talentos estão incluídos em nossas discussões”, respondeu Isaacs prontamente.

ALGUNS MEMBROS VÃO PERDER OS DIREITOS DE VOTO

Uma mudança importante anunciada pela Academia é que alguns de seus membros passarão a ter status emérito, ou seja, perderão o direito de votar. Isaacs confirma que isso ocorrerá, mas não dá indicativos de quantos ou quais nomes seriam afetados. O objetivo da medida seria o de, seguindo um critério de relevância, tirar da lista nomes que entraram na Academia há muitos anos, mas já terminaram suas carreiras no cinema - o que, garante ela, não significa que se trata de retirar o poder de voto dos mais velhos.

Não trazer nenhum negro concorrendo em nenhuma de suas principais categorias foi uma demonstração rude do racismo latente na indústria americana. As respostas vieram de todos os cantos do mundo, concentradas nas redes sociais na campanha #OscarsSoWhite.

Um dos principais esnobados na lista de indicados de 2016, o ator inglês Idris Elba, torna-se agora membro da Academia que o ignorou este ano, a despeito da inegável consistência de sua carreira, no cinema e na televisão.

Outro nome que passa a integrar a academia é John Boyega. Um dos principais novos personagens de Star Wars: Episódio 7 - O Despertar da Força, Boyega não recebeu indicação pelo papel neste ano, mas é um dos novos convidados a integrar a organização. No Twitter, comemorou: “É sempre uma benção ser um dos muitos votantes do Oscar, o que certamente despertará uma mudança. Muito obrigado!”

Always a blessing to be one of the many Oscar voters that will hopefully spark change. Big thanks! [#classof2016 pic.twitter.com/leEljWIOEB](https://twitter.com/leEljWIOEB)

— John Boyega (@JohnBoyega) [30 de junho de 2016](#)

Entre as mulheres negras, destacam-se Anika Noni Rose, de *Dreamgirls*, e a

diretora Amma Asante, de *Belle*. Ela também se manifestou em suas redes sociais dizendo: “Não posso mentir, adorei isso!”.

I cannot lie. I like this! <https://t.co/QokEE22mev>

— Amma Asante (@AmmaAsante) [30 de junho de 2016](#)

I'd like to thank @TheAcademy!...for welcoming me (& so many fabulous artists) to the class of 2016. <https://t.co/6w6AZzExGh>

— Anika Noni Rose (@AnikaNoniRose) [29 de junho de 2016](#)

Entre as mulheres, entraram para o clube Emma Watson, Tina Fey, Alicia Vikander, vencedora da categoria atriz coadjuvante por *Garota Dinamarquesa*, e Brie Larson, vencedora da estatueta de melhor atriz este ano por *O Quarto de Jack*. “Entrei! Estou empolgada para usar meu voto e indicar talentos que reflitam o mundo real em que vivemos. DIVERSIDADE.”

I got in! Excited to use my vote to nominate talent that reflects the real world we live in - DIVERSITY. <https://t.co/PUzUkXe7MM>

— Brie Larson (@brielarson) [29 de junho de 2016](#)

Também passa a integrar esse time a atriz America Ferrera, conhecida por seu papel à frente da série *Ugly Betty*. “Desde criança sonho com a oportunidade de expressar meu talento e agora posso criar essas oportunidades para os outros. Obrigada!”

As a child I'd dream of opportunity 2 express my talent & now I get 2 create opportunity 4 others. Thanks @TheAcademy <https://t.co/1BpJCwrjpM>

— America Ferrera (@AmericaFerrera) [29 de junho de 2016](#)

Clarice Cardoso

Acesse no site de origem: [O Oscar, enfim, escutou: diversidade importa \(Tela Tela/CartaCapital, 30/06/2016\)](#)